

UM ENXAME DE CAMISAS LEGANDO O MEL ATÉ AS RAINHAS: FUTEBOL, POLÍTICA E A GUINADA CONSERVADORA NO BRASIL¹

Alisson Diôni Gomes (UNIR/RO)

Palavras-chave: futebol; política; redes.

Introdução

Um fato que chamou a atenção nos protestos que tiveram como alvo a figura da ex-presidente Dilma Rousseff, deposta em 2016 em meio a um conturbado processo de impeachment, foi o uso, por parte de participantes seus, de camisetas da seleção brasileira de futebol.

Compreender fenômenos como este, bem como as razões que levaram ao uso destas indumentárias por estas pessoas, é fundamental para que se possibilite uma compreensão adequada da política brasileira nestes últimos anos, sobretudo a onda ultraconservadora que vem ganhando força no país, ao ponto de colocar em risco até mesmo a estabilidade do sistema de representação política vigente desde a Constituição de 1988.

Este trabalho tem por objetivo a realização de um esforço de compreensão neste sentido, ao mesmo tempo em que busca apontar perspectivas em meio a estes processos, a partir das discussões relacionadas à constituição da esfera pública (HABERMAS, 2014), bem como das questões associadas à internet, às redes sociais e sua condição enquanto elemento engendrador de novas formas de ação política (CASTELLS, 2003, 2013).

A análise aqui realizada traz uma perspectiva pela qual o advento destas redes sociais tem integrado em si um conjunto de transformações na esfera pública, na medida em que tem se constituído em uma interface entre os conteúdos existentes nas esferas privadas dos sujeitos sociais e a própria esfera pública, fazendo com que conteúdos anteriormente restritos à primeira fluam com um grau de intensidade e sistematicidade cada vez maior para a segunda. Em meio a estes conteúdos, encontram-se perspectivas altamente conservadoras e estigmatizantes em relação aos grupos sociais minoritários, perspectivas essas que tendem, por sua vez, a fazer um uso constante de símbolos

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

associados à nacionalidade do país para dar vazão às suas concepções, ao mesmo tempo em que buscam legitimá-las por meio destes mesmos símbolos, sendo esta uma marca histórica dos movimentos associados a estas concepções.

No caso das camisetas, o que se tem é uma extensão deste processo, na medida em que uma indumentária associada a um esporte é alçada a um outro patamar, agora político, em razão da popularidade deste mesmo esporte no país. A compreensão deste processo a partir de uma perspectiva interdisciplinar é imprescindível para que se torne possível a concepção de meios pelos quais o trato com estas circunstâncias possa se tornar mais efetivo, de modo que assim seja possível evitar situações ainda mais inquietantes no que diz respeito à organização política brasileira.

A discussão terá início com a apresentação de apontamentos a respeito das formas pelas quais as redes sociais vêm se constituindo enquanto elemento engendrador de novas formas de ação política. Prosseguirá com as questões associadas às transformações que elas estabelecem na estruturação da esfera pública bem como nas suas relações com os espaços de caráter privado. Feito isso, serão discutidas as formas em que os processos de devoção a símbolos relacionados ao Estado se associam a perspectivas ultraconservadoras de sociedade e, no contexto do Brasil os processos de projeção destes processos para o campo do futebol e para as camisetas da seleção brasileira deste mesmo esporte, para então discutir como discursos ultraconservadores têm se projetado para a esfera pública em meio a este contexto, além das perspectivas que se colocam diante do cenário.

Um ponto que não pode ser negligenciado aqui é o fato de que, entre a submissão deste trabalho e o momento atual, uma série de situações altamente significativas têm se desenrolado em meio à política brasileira, mais especificamente nas eleições presidenciais do ano de 2018. Diante destas circunstâncias, serão também tecidas considerações em torno deste assunto, de modo a levantar questões relacionadas a estas situações e perspectivas que possam ser associadas a elas, de modo a se tornar possível pensar em meios que permitam um ação efetiva diante deste contexto e a própria possibilidade de se impedir o recrudescimento das relações sociais a partir das perspectivas que são projetadas para a esfera pública pelas forças sociais às quais é feita referência neste trabalho.

As redes sociais enquanto elemento engendrador de novas formas de ação política

Um eixo fundamental da discussão aqui levada adiante se refere à condição que as redes sociais têm tomado enquanto um elemento engendrador de novas formas de ação política. Neste contexto, o que se tem é que, com a difusão destas plataformas virtuais de interação humana, esta mesma interação passa a se revestir de formas diferenciadas em relação a formas anteriormente existentes.

Naqueles momentos a interação humana necessitava de meios que implicam relações nas quais era necessária a iniciativa de um dos lados e a reciprocidade do outro para que pudessem ser realizadas². Isto fazia com que estas formas de comunicação humana sejam eminentemente privadas. Com as redes sociais, esta interação passa a se processar de forma distribuída do ponto de vista socioespacial. Assim, estas redes se estruturam a partir de um grande quantitativo de perfis de usuários que, cada um com os seus objetivos e se constituindo em uma projeção das preferências dos sujeitos que os controlam, recebem as informações que são dispostas em sua linha do tempo a partir dos parâmetros que são definidos pelos algoritmos destas redes sociais. Na medida em que estes conteúdos atingem as sensibilidades destes sujeitos, faz com que eles lancem à rede os seus próprios conteúdos, estes fruto da própria subjetividade construída na sua história de vida e das necessidades que a ela se associam nesta construção.

As redes sociais e sua inserção no campo mais geral das relações sociais podem ser compreendidas a partir de Castells (2003). Entre o final do século XX e o início do século XXI, os computadores digitais se tornam uma importante ferramenta da comunicação humana, graças ao desenvolvimento da capacidade de processamento e de conexão deles em redes cada vez mais complexas e geograficamente distribuídas. Segundo o autor, isto leva à constituição daquilo que denomina como a *cultura da internet*, sintetizada da seguinte maneira:

A cultura da internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levada a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia (CASTELLS, 2003, p. 53).

² Esta discussão está levando em conta as discussões apresentadas por Thompson (1998) naquilo que diz respeito às formas de interação mediada.

Gnipper (2018a; 2018b; 2018c) apresenta uma discussão em torno do desenvolvimento histórico das redes sociais, descrevendo desde os primórdios destes instrumentos de comunicação até as suas formas mais atualizadas. Em sua discussão, pondera que

Há quem defina rede social como qualquer meio que proporcione a comunicação entre as pessoas, mas essa definição genérica acaba englobando métodos nada tecnológicos, como o envio de cartas, por exemplo. [...] Nos tempos modernos, rede social é como são chamados os serviços que, usando a internet, permitem que as pessoas que conectem umas com as outras instantaneamente (GNIPPER, 2018a).

Ainda que a autora utilize uma definição bastante ampla para o conceito, ela informa que o termo começará a ter seu significado compreendido nos moldes atuais em meados da década de 2000, com o surgimento do Orkut.

De um modo geral, as redes sociais se caracterizam pelo fato de que, para participar de suas interações, o indivíduo pleiteante deve criar um perfil de usuário para si, perfil esse no qual cadastrará as informações pessoais passíveis deste cadastro e que sejam por ele consideradas adequadas aos seus objetivos nela. A partir do momento em que é realizado o cadastro, fica o usuário habilitado a interagir com outros usuários na rede.

Contudo, há redes nas quais não é estritamente necessária a realização do cadastro para que a pessoa possa vir a acompanhar publicações de outros usuários de forma avulsa. Ainda assim, para que a própria pessoa possa produzir conteúdo ou mesmo seguir de modo consistente outros usuários, se mantendo atualizado das publicações destes conforme elas são produzidas, ela deverá realizar o cadastro do seu próprio perfil de usuário.

Gnipper (2018a) argumenta que, antes do surgimento do Orkut, as redes sociais se constituíam em uma série de jogos, aplicativos, fóruns, salas de bate-papo, site e blogs pelos quais os seus respectivos usuários poderiam interagir seja pela ação dos personagens por eles controlados³, seja por meio de mensagens que eram transmitidas ao conjunto das pessoas que acompanhavam as discussões em andamento ou mesmo por meio de imagens que eram postadas com o objetivo de narrar aspectos de sua vida pessoal aos demais usuários que lhes acompanhavam.

³ Este era o caso do jogo *Second Life*, por meio do qual os usuários, em sua interação, simulavam uma vida virtual, como sendo uma vida alternativa à que levam adiante em seu cotidiano real.

As redes sociais podem ser consideradas como um fator relacionado a um processo de expansão da esfera pública, criando condições para que ela se aproxime das esferas privadas e dos indivíduos que nelas se inserem. Esta condição traz a eles a possibilidade apresentar publicamente as suas perspectivas em torno da realidade ao seu redor de um modo que possam se sentir mais seguros, visto que sua comunicação encontra-se mediada pela rede mundial de computadores. Assim, os riscos à sua integridade física ou moral podem ser diminuídos.. Neste contexto, Gnipper (2018b) pondera que

Além de postar adoidado em seus blogs pessoais, os usuários do LiveJournal [um sistema de blog social] também faziam parte de uma comunidade internacional, podendo entrar em journals coletivos, algo que podemos comparar aos grupos do Facebook nos dias de hoje. Ali, surgiram journals em grupo com as mais variadas temáticas, incluindo grupos de apoio a pessoas marginalizadas pela sociedade, como os LGBTs, por exemplo, que encontraram na internet um espaço para conhecer pessoas que passavam pelos mesmos perrengues que eles, servindo como uma rede de apoio global.

Com a disseminação destas ferramentas, temas até então considerados tabu passam a emergir de um modo mais sistemático, permitindo que eles sejam discutidos e uma compreensão maior a seu respeito em nível social seja alcançado, contribuindo para que formas mais efetivas de trato com eles sejam alcançadas pelos sujeitos que se inseriam nestas redes.

Porém, ainda que sendo este um ponto passível de consideração, as redes em questão possuíam um alcance limitado em relação às condições atuais. Tal situação começará a ser revertida com o advento do Orkut.

Da perspectiva do usuário, esta rede funciona a partir da inserção das informações julgadas por ele relevantes e pela sua interação com as figuras dos amigos. Esta interação pode se dar por meio da avaliação de atributos do usuário por parte deles⁴, seja por meio de recados que eram transmitidos em uma seção específica da página do indivíduo (recados esses conhecidos como *scraps*). Além destes, tem-se ainda os depoimentos que eram apresentados pelos amigos do usuário. Em sendo aceitos, eles eram dispostos na parte principal de sua página, servindo como fator de validação social desta pessoa diante do contexto mais amplo que lhe circundava.

⁴ O Orkut possibilitava aos usuários avaliar seus amigos em nível de três atributos: amigável, confiável e sexy. Para o usuário, era apresentada uma síntese das avaliações que lhe eram dadas pelos seus amigos. Além disso, um amigo pode se declarar como “fã” do usuário, e na página deste apresentava-se a quantidade de pessoas que se declaravam nesta condição.

O usuário podia ainda se vincular a comunidades virtuais que conjugavam pessoas com interesses em comum e nas quais elas podiam discutir os mais diversos assuntos relacionados aos seus pontos de interesse, por meio dos fóruns que nelas eram mantidos. Com estas ferramentas centralizadas de comunicação *online*, tem-se constituído mais um fator para a expansão da esfera pública e a sua conjugação com as esferas privadas dos indivíduos que nelas tomam parte.

No Brasil, esta rede social encontra um grande alcance. Neste contexto, Gnipper (2018b) argumenta que

Para se ter uma ideia da importância dos brasileiros para o Orkut, em 2008 a empresa anunciou que a rede social deixaria de ser operada da Califórnia, fixando-se em território brasileiro, onde foi operada pela Google Brasil. Estima-se que os brasileiros trocaram mais de 1 bilhão de mensagens por lá, em 120 milhões de tópicos de discussão que fizeram parte de pelo menos 51 milhões de comunidades.

Um importante fator para que esta rede social viesse a ter o alcance que teve é a sua usabilidade, oriunda de uma interface de usuário simples e amigável. Assim que o usuário realizava o seu login na rede (ou a acessava diretamente, quando optava por manter seus dados de login e a sua sessão ativa mesmo fechando o seu navegador), ele verificava o seu perfil, checava os seus *scraps* e respondia os que julgava adequado. Quando era o caso, checava as suas comunidades favoritas, verificava a movimentação do seu fórum e quando sentia necessidade apresentava suas contribuições ao debate. Eventualmente encontrava comunidades a elas relacionadas e checava seu conteúdo. Se o conteúdo fosse do seu interesse, solicitava sua inscrição e, no caso das comunidades moderadas⁵, aguardava o aceite de sua solicitação. Depois de inscrito, poderia participar de forma efetiva das discussões nelas realizadas.

O engajamento do usuário em discussões de caráter mais amplo, como por exemplo questões de ordem social, política ou econômica, dependia da sua própria opção no sentido de participar delas, por meio da sua inscrição em uma comunidade que aborde esses temas e sua intervenção nos debates que julgar adequado. Contudo, caso ele não deseje, pode apenas tratar dos assuntos que estejam relacionados ao seu ambiente mais próximo.

⁵ O Orkut possuía dois perfis básicos de comunidades: as públicas, cujo acesso dependia apenas da solicitação, e as moderadas, cujo aceite dependia de uma verificação e aceite por parte de seus moderadores.

Esta condição muda com o surgimento e disseminação do Twitter e do Facebook. Estas redes sociais possuem, em relação à anterior, uma característica que é fundamental para que se torne possível um processo de ampliação dos espaços relacionados à constituição da esfera pública. Aqui, o usuário dispõe de um espaço pelo qual ele pode produzir publicações de sua própria autoria apresentando considerações a respeito do que ele mesmo percebe na realidade ao seu redor. Ao mesmo tempo, recebe, constantemente, atualizações sobre o que as pessoas ao seu redor ou pessoas públicas de referência para a formação de sua visão de mundo percebem a respeito desta realidade, bastando para isso seguir estas pessoas. Por fim, o usuário pode repassar aos seus seguidores publicações daqueles aos quais segue com o objetivo de moldar o entendimento destes mesmos seguidores a respeito da realidade.

A partir destas condições que perfazem estas novas redes sociais, forma-se um importante fator para que ideias de diversos matizes emergjam para a esfera pública, aumentando as possibilidades de diálogo em torno delas.

Um outro fator que contribui para o aumento da difusão destas redes sociais é a miniaturização dos dispositivos computacionais, materializada no surgimento dos *tablets* e *smartphones*. Com estes dispositivos, a capacidade computacional dos indivíduos em relação à realidade circundante aumenta consideravelmente, uma vez que, estando estes aparelhos constantemente ligados e conectados à Internet, o acesso a informações contidas na rede torna-se muito mais rápido. Até então as informações precisavam ser obtidas por meio de um computador de mesa ou um notebook. Estes, por sua vez, nem sempre estavam ligados, o que tornava necessário ligá-los, aguardar o carregamento do sistema operacional, o login neste, abrir o navegador, digitar a URL da rede social e, se for o caso, fazer o login para adentrar à página no âmbito da rede. Já com os *tablets* e *smartphones*, tudo o que usuário precisa fazer é pegar seu dispositivo (no caso dos *smartphones* apenas sacá-lo do seu bolso, dependendo das circunstâncias), desbloquear o aparelho a partir do método que julgar o mais adequado para si⁶, abrir o aplicativo da rede social e a partir daí acompanhar as publicações de outros usuários em sua linha do tempo ou produzir ele próprio publicações que entenda relevantes para aqueles que o seguem naquele momento.

⁶ Estes dispositivos costumam ter mecanismos de desbloqueio, que podem ser realizados por senha, um simples deslizar de dedo na tela ou mesmo ferramentas biométricas.

As redes sociais e a constituição dos movimentos sociais da era da Internet

As redes sociais são um ponto fundamental para a articulação de uma série de movimentos que se organizam na primeira metade da década de 2010. Castells (2013) discute a constituição destes movimentos, entendendo que eles inauguram novas formas de ação política. Se antes esta ação era protagonizada comumente por sujeitos localizados no *establishment* do Estado e por sujeitos vinculados ao grande capital, agora os sujeitos localizados em meio a estas redes virtuais criam uma condição segundo a qual a sua discussão a respeito de temas mais amplos chega a um novo patamar, na medida em que estas plataformas permitem uma comunicação muito mais ágil. Ao passo que esta comunicação se adensa, os sentimentos de indignação diante dos problemas da realidade afloram, mobilizando estas pessoas em direção à organização em torno destes movimentos.

Segundo o autor, estes mesmos movimentos são dotados de um alto grau de descentralização, oriundo da estrutura horizontalizada de organização das comunicações que nas redes se processam. Assim, se em formas anteriores de organização política há uma certa tendência de burocratização e construção de lideranças que se consolidam em seus espaços ao longo do tempo, nos movimentos sociais formados na era da Internet estes processos se desenvolvem por outras formas. Isto gera um perfil de movimento com características organizacionais dinâmicas, nas quais as lideranças se constituem em um caráter *ad hoc*, no compasso da atuação dos sujeitos que assumem esta posição a partir do reconhecimento que lhe é dado pelo conjunto das pessoas envolvidas na luta que ali se desenvolve. Ao mesmo tempo, o acesso de sujeitos de algum modo vinculados ao *establishment* ao movimento tende a ser limitado, sendo permitido na medida em que estes demonstrem condições de dialogar, acolher e encaminhar as demandas dos movimentos para os seus espaços de atuação.

Com suas novas características organizacionais, estes movimentos se mostram capazes de conduzir importantes transformações nos locais em que se formam, tornando-se capazes de em um bom grau se fazer ouvir pelas instituições do Estado. Ao mesmo tempo, apontam perspectivas para a construção de outros movimentos em outros espaços ao longo do tempo.

As redes sociais e o refluxo conservador brasileiro

No Brasil, verifica-se também a eclosão de importantes movimentos a partir da Internet. Em 2013, uma luta contra o aumento dos preços das passagens de ônibus em São Paulo sofre uma forte repressão por parte das forças policiais e pouco depois ganham uma grande força e um importante apoio da sociedade civil. Para além disso, ganha projeção nacional, desencadeando manifestações em diversas partes do país e sofrendo transformações na própria estrutura das suas demandas. Se até então estas se concentravam em um aspecto pontual da mobilidade urbana, passam então a abarcar questões mais amplas relacionadas aos direitos sociais que devem ser providos pelo Estado. Estas manifestações ficam conhecidas como as Jornadas de Junho, e se constituem no início de uma série de outras manifestações que se formarão daí por diante no país.

Ao mesmo tempo, um outro processo se desenvolve. No embalo das manifestações, uma série de forças altamente conservadoras começam a ganhar terreno no debate público que se desenvolve na Internet e nas manifestações de rua. Para além disso, estas forças, ao longo do tempo, tornam seu discurso cada vez mais agressivo, ao mesmo tempo em que gradativamente adquirem mais expressividade diante do conjunto da sociedade civil.

Estas forças se ancoram em um discurso que denuncia uma série de problemas associados à corrupção no âmbito do Estado, ao mesmo tempo que propõem perspectivas de moralização da gestão pública no país. Contudo, na prática discursiva destas forças verifica-se uma perspectiva em que o discurso é articulado em um conjunto de camadas, cuja superfície se ancora nos aspectos acima relacionados mas que, quando posta diante de uma análise mais apurada, revelam uma série de outros fatores que se demonstram bastante significativos.

Um ponto importante referente aos últimos anos da organização política brasileira se refere ao fato de que, dentre outros aspectos, foram levantadas consideráveis perspectivas em torno dos direitos sociais de grupos sociais minoritários, dentre eles a população LGBTI. Neste contexto, um bom grau de visibilidade é dado a estes grupos, o que lhes permitiu angariar um maior grau de aceitação social diante do conjunto da sociedade civil. Com a ascensão das forças que se mobilizam em meio a estas circunstâncias, ameaças aos direitos destes grupos começam a se formar com um grau de

sistematicidade cada vez maior, de modo que declarações cada vez mais abertas de hostilidade em relação a ele se formam em meio a estas forças.

Ao mesmo tempo, ganha força um discurso de desmonte do Estado naquilo que diz respeito ao provimento dos seus serviços sociais, bem como à sua atuação na economia, de modo a se levar a um processo de privatização destes serviços e de empresas estatais. Uma das vertentes deste discurso se estrutura na perspectiva segundo a qual a manutenção destes serviços, bem como uma atuação presente do Estado na economia seria um importante veio para a realização de processos de corrupção. Portanto, a solução para este problema seria a privatização destes serviços e destas empresas, de modo a se tornar possível a moralização da própria prestação deles.

Além destes pontos, estas forças se articulam em torno de um processo de culto aos símbolos do Estado brasileiro, sobretudo a sua bandeira e as cores principais dela, o verde e o amarelo. Em torno destes símbolos são organizadas uma série de manifestações que, após a reeleição de Dilma Rousseff para a Presidência da República, em 2014, apresentam, dentre outras demandas, a de que Presidenta seja deposta do cargo que então ocupava.

Nestas manifestações, para além do ponto acima apresentado, chama a atenção a indumentária utilizada pelos seus participantes, esta composta por camisetas da seleção brasileira de futebol. Neste contexto, verifica-se que um novo aspecto passa a fazer parte deste processo, na medida em que um esporte que ganhou projeção nacional ao longo do tempo passa a se projetar para o campo da discussão política no âmbito da esfera pública, dando expressividade a perspectivas de sociedade que buscam manter e perpetuar as hierarquias sociais já existentes.

Historicamente, é possível observar processos semelhantes se desenvolverem em outros espaços. Com vistas a conquistar legitimidade para as suas demandas, forças deste matiz tendem a se abrigar sob o manto dos símbolos do Estado, entendido aqui como a manifestação de uma nacionalidade e, portanto, elemento constitutivo de uma identidade que congrega estas forças e lhes gera coesão. A partir desta perspectiva, tem-se o processo pelo qual elas se lançam ao campo da esfera pública e buscam fazer com que esta tenda a lhe ser favorável, levando, portanto, a um processo de busca da conquista do poder político por parte delas.

No caso do Brasil, a grande popularidade do futebol, bem como a realização de uma Copa do Mundo ao ano de 2014 em seu território, termina se tornando mais um fator para que à camiseta da seleção brasileira de futebol seja atribuída esta condição de síntese

desta identidade associada à própria condição nacional, ou ao menos à sua projeção no campo ideológico. Assim, para além dos símbolos associados ao Estado propriamente dito, um elemento associado a uma organização privada – a Confederação Brasileira de Futebol – é utilizada como elemento agregador e congregador destas forças, na medida em que por elas é percebida como um elemento mediador da sua relação com a esfera pública e como um elemento de construção de legitimidade junto a ela.

Em meio aos contextos sociopolíticos mais amplos, estes movimentos terminam por se inserir nas discussões associadas aos modelos econômicos relacionados às formas pelas quais será desenvolvido o modo de produção capitalista no Brasil, ora de forma consciente, ora de forma inconsciente. Nestas circunstâncias, o que se verifica é a formação de dois projetos básicos associados a este processo (BOITO JR, 1996; 2003; 2006a; 2006b; 2007; 2012a; 2012b). Por um lado, um projeto relacionado a um desenvolvimento pautado em uma base nacional, com a atuação do Estado como um importante ator no campo da economia e a promoção de direitos sociais de classes e grupos sociais subalternos, denominada como projeto neodesenvolvimentista. De outro, o projeto neoliberal, focado na desregulamentação da economia e a retirada do Estado enquanto um ator significativo nela, bem como a retirada gradativa dos direitos das classes e grupos acima citados. A década de 2010 tem sido marcada por um importante embate em torno destas vertentes, que congregam ao seu redor uma considerável parte do debate político ao longo deste período.

Em Gomes (2014), tivemos ocasião de discutir o assunto, entendendo-o, no plano estrutural, como uma consequência do próprio processo de formação do capitalismo no Brasil, entendendo-o como um processo oriundo das próprias necessidades do capitalismo no âmbito global. Desta forma, a formação que se constitui neste processo é pautado pela constituição, no campo das classes dominantes, do latifúndio e de uma burguesia cindida em duas porções fundamentais: uma que se articula em torno do Estado e outra voltada para o capital externo. Estas frações são, respectivamente, denominadas como burguesia burocrática e burguesia compradora⁷.

Tal como em Gomes (2014), entende-se aqui que os processos aqui em análise, para a sua devida compreensão, devem fazer referência a esta condição que diz respeito às formas pelas quais se estrutura a formação econômico-social e a luta de classes no país.

⁷ Em Gomes (2014), faz-se, ainda, uma discussão destas categorias em conjunção com as discussões apresentadas por Boito Jr. (1996; 2003; 2006a; 2006b; 2007; 2012a; 2012b). Para maiores detalhes, cf. o próprio trabalho.

Ao passo que se realiza esta análise, torna-se possível vislumbrar que, correspondendo aos conflitos formados na superestrutura do Estado e da própria sociedade civil brasileira, subjaz este conflito na formação econômico-social, na medida em que a burguesia burocrática, naquilo que diz respeito aos seus interesses, entra em conflito com a burguesia compradora, e o projeto neodesenvolvimentista – ao menos na forma que toma no Brasil – constitui uma busca no sentido de compatibilizar as agendas da burguesia burocrática com a das classes e grupos subalternos da sociedade brasileira, o que ajuda a compreender a forma pela qual estes são inseridos em seu projeto e a forma pela qual este é conduzido pelas gestões do Partido dos Trabalhadores enquanto estas ficam ativas junto ao Poder Executivo do Estado brasileiro. Por outro lado, estando os interesses da burguesia compradora associados com o grande capital internacional, é fundamental que esta trate de promover o projeto neoliberal no âmbito da sociedade civil como um todo.

Desde a assunção do Poder Executivo do Estado brasileiro por parte do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2002, tem-se formado a tendência de se seguir em direção ao modelo neodesenvolvimentista. Contudo, a participação de membros deste partido em processos de corrupção contribui consideravelmente para que se constitua, junto à esfera pública, um processo de desgaste à sua imagem. Ao mesmo tempo, estes processos são utilizados como um mote para o desmonte do Estado nos moldes do projeto neoliberal. A este desgaste se junta ainda uma grande desconfiança que se forma no conjunto da sociedade civil em relação à atuação do Estado na economia e na promoção de determinados direitos sociais, associadas a vertentes de pensamento pautadas no autoritarismo que aos poucos se coadunam, no plano econômico, com o neoliberalismo. Ato contínuo, elas apontam uma perspectiva no sentido de que é necessário adotar este modelo ao mesmo tempo em que se procede ao sistemático cerceamento dos direitos ou mesmo da visibilidade das classes e grupos subalternos no país.

As redes sociais mostram um papel preponderante no processo de articulação e fortalecimento destes grupos. Neste sentido, tem-se que, se até então estas vozes encontravam-se abafadas exatamente em função de uma forte rejeição existente em relação a formas autoritárias de gestão do Estado, elas começam a, por meio da própria rede, encontrar validação para as suas concepções de realidade, encontrando força e caminhos pelos quais se organizar de forma mais efetiva.

As redes sociais e a reconfiguração da esfera pública

As redes sociais são um importante elemento de um processo de reconfiguração da esfera pública. Na medida em que, por meio das linhas do tempo e do conteúdo que nelas são publicados e compartilhados, formam-se identidades coletivas que, após um processo de amadurecimento por parte dos sujeitos participantes destas situações, tende a se projetar para o debate público, delimitando uma posição e fazendo com que ela ganhe força no conjunto da sociedade civil. Feito isso, parte-se para a busca de posições de poder junto ao próprio Estado.

No caso brasileiro e nas manifestações aqui referenciadas, é bem clara a formação deste processo. Uma das organizações que se forma em meio a elas, denominada Movimento Brasil Livre (MBL), passa a lançar seus principais organizadores a cargos eletivos tendo por base o partido Democratas – este sabido como altamente conservador e também comumente envolvido em casos de corrupção –, apresentando um considerável grau de sucesso em sua empreitada, ainda que no início de sua atuação este movimento se declarasse como apartidário. Enquanto este trabalho é produzido, um partido até então de pouca projeção política – o Partido Social Liberal (PSL) – forma a segunda bancada da Câmara dos Deputados, ancorado sobretudo no carisma que se constrói em torno do candidato à Presidência da República lançado por este mesmo partido, o até então Deputado Federal Jair Bolsonaro. Este, por sua vez, se projeta politicamente a partir de um uso sistemático das redes sociais e de um séquito fiel que o promove nestas redes, séquito esse que em suas características fundamentais baseia-se em um discurso pautado no desprezo aos grupos sociais minoritários.

Este autoritarismo não é algo novo na organização sociopolítica brasileira. Ele é algo perene, marcando-se por uma perspectiva de realidade que se prima em torno de hierarquias segundo as quais os grupos minoritários devem ser subjugados e se comportar de forma passiva diante das diversas violências físicas e simbólicas às quais ficam sujeitos em meio a estas mesmas hierarquias. Entretanto, com a visibilização das questões associadas a estes grupos, verifica-se uma tendência no sentido de estes discursos serem mantidos sobretudo no campo das esferas privadas dos indivíduos e grupos que com eles se identificavam.

Com o processo de reconfiguração da esfera pública a partir das redes sociais e da pervasividade que caracteriza os aparelhos eletrônicos a partir dos quais estas redes são utilizadas, observa-se um processo de integração entre estas esferas, na medida em que,

a partir de sua própria esfera privada, pode o indivíduo lançar suas perspectivas para o espaço público, encontrando eco e validação em outros indivíduos que, mesmo fisicamente distantes, passam a se tornar acessíveis por meio da rede mundial de computadores. Ao passo que estes indivíduos encontram esta validação recíproca, cria-se uma condição para que eles venham a se articular de formas cada vez mais sistemáticas com vistas a alcançar os objetivos a que se propõem.

Ao mesmo tempo, pode-se perceber que as redes sociais inauguram uma nova forma de interação para os sujeitos que dela participam, que vai para além das que são propostas por Thompson (1998)⁸, ainda que possam ser consideradas como parte integrante de uma delas. Neste contexto, o que se verifica é que com estas redes forma-se um processo de interação mediada multinodal, ou seja, um processo pelo qual um número indefinido de sujeitos interagem entre si por meio do canal tecnológico oferecido pelos aplicativos portadores delas. Contudo, ainda assim este processo é potencialmente cacofônico, na medida em que esta interação costuma se dar por meio de comentários que são apresentados às publicações produzidas em um determinado momento, além de um conjunto de reações que podem ser apresentadas ao conteúdo. Juntado a isso tem-se ainda o fato de que, nas suas configurações mais atuais, o Facebook – a maior de todas as redes sociais disponíveis em termos de número de usuários – possui a possibilidade de a cada comentário serem apresentadas respostas, abrindo assim perspectivas para que um número indefinido de discussões paralelas venham a ser conduzidas a partir da mesma publicação. Se por um lado esta estrutura possibilita formas mais organizadas de interação no âmbito de postagens relacionadas às vidas pessoais dos usuários, no caso de discussões de caráter mais amplo, pode gerar uma grande dificuldade no sentido de se organizar o debate, na medida em que o usuário terá, neste caso, maiores dificuldades na participação de discussões que enveredem em diversas linhas paralelas, fazendo com que o debate fique disperso em meio a elas.

Um outro fator que se mostra digno de atenção é o fato de que estas redes têm se mostrado como um importante veículo para a difusão de informações falsas voltadas a

⁸ O autor entende que, naquilo que diz respeito às interações humanas, existem três formas fundamentais: a interação face-a-face, a interação mediada e a interação quase mediada. Em síntese, a interação face-a-face é aquela levada adiante por sujeitos que se encontram fisicamente no mesmo espaço e se comunicam tanto por palavras quanto por deixas apresentadas por sua linguagem corporal e sua entonação de voz. A interação mediada se refere a formas de comunicação dialógica que se dão por meio de instrumentos técnicos, tais como cartas ou telefonemas. Por fim, a interação quase mediada se refere a uma forma de comunicação pela qual o conteúdo é transmitido de forma unidirecional, de modo que o transmissor apresenta uma série de informações a um número indefinido de receptores.

desgastar a imagem dos adversários de um modo geral, sendo que este expediente vem sendo utilizado de forma sistemática por parte de partidários das forças ultraconservadoras às quais este trabalho se dedica. Isso pode ser observado quotidianamente ao passo que se verifica as linhas do tempo destas redes sociais. Esta tendência encontra um ponto forte no próprio processo eleitoral, uma vez que verifica-se a forte utilização destas notícias por parte dos correligionários de Jair Bolsonaro ao longo de sua campanha eleitoral, tomando como alvo aqueles sujeitos que a cada momento do pleito apresentam-se como a maior ameaça à sua candidatura. Uma outra rede social, composta pelo aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, tem se mostrado como um importante ponto de fermentação destas notícias, o que vem sendo monitorado por um grupo de pesquisas vinculado ao Departamento de Ciências da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Com base no monitoramento realizado por este grupo de pesquisa, Benites (2018) apresenta apontamentos a respeito daquilo que denomina como uma máquina de *fake news* a favor do candidato. A isso se junta o fato de que o próprio não se pronuncia de forma contundente diante destes conteúdos, ao mesmo tempo em que em determinados contextos até mesmo reforça a sua difusão, seja em sua própria atuação, seja na atuação daqueles que lhe estão próximos.

Após a realização de ambos os turnos eleições de 2018, uma série de eventos de agressão e inclusive um assassinato foram noticiados, todos estes atos associados a correligionários de Jair Bolsonaro, o que indica que os processos aqui em análise começam a seguir para processos de eliminação tanto simbólica quanto física dos adversários políticos.

Ainda assim, cabe observar que nem por isso outros movimentos deixam de se formar em torno das próprias redes a partir de uma perspectiva de contraposição em relação a estas forças. Semanas antes do 1º turno das eleições em andamento enquanto este trabalho estava em produção, começa a ganhar forma um movimento de mulheres que levou à construção da maior manifestação feminina da história do país, que lançaram a palavra de ordem “Ele não!” em relação a Bolsonaro. Esta manifestação se realiza em diversas partes do país a partir da articulação em torno de um grupo organizado em meio ao Facebook. Este mesmo grupo, por sua vez, foi sistematicamente hostilizado por simpatizantes do candidato, que em um determinado momento chegaram a hackear o grupo e expor administradoras dele a ameaças e até mesmo a agredir uma delas.

Considerações finais

A ubiquidade das redes sociais na sua configuração atual faz com que elas se constituam em uma importante forma de comunicação. Sendo elas fruto da capacidade criativa humana, elas podem ser utilizadas para os mais diversos fins. Contudo, com a ascensão do ultraconservadorismo em diversas esferas, tem-se verificado uma forte tendência no sentido de o seu uso ser voltado para a promoção das perspectivas associadas a estas mesmas forças, ainda que esta promoção se baseie na falta de compromisso com o rigor em torno das informações veiculadas, ou mesmo uma postura de falseamento deliberado delas, sendo estes processos o substrato para a busca no sentido da eliminação física e simbólica dos sujeitos que se opõem aos projetos sociais, políticos e econômicos associados a estas forças.

A formação desta condição parece contradizer ao menos parcialmente as projeções levantadas por Castells (2013) naquilo que diz respeito às possibilidade de expansão de uma perspectiva democrática de sociedade a partir das redes sociais. Longe disso, o que se observa é uma busca no sentido de se tolher a democracia a partir da atuação destes grupos de matiz ultraconservador que se gestam em parte nestas mesmas redes⁹. Neste contexto, as perspectivas de Habermas (2014) parecem se apresentar como uma considerável parâmetro para análise, na medida em que a atuação destes grupos leva adiante um processo de sistemática manipulação da esfera pública a partir de técnicas que remetem inclusive ao uso militar da informação e da contrainformação, visando levar estes espaço a atender às perspectivas que estes grupos buscam sustentar (LEIRNER *apud* SETO, 2018). Porém, se em Habermas tem-se uma discussão que se refere essencialmente aos meios de comunicação de massa baseada na interação quase mediada, tem-se agora um contexto de interação mediada multimodal, na qual uma virtualmente infinita rede de sujeitos se articula no processo de consumo e regurgitação sistemática de informações em diversos contextos falsas para a esfera pública, fazendo com que tanto concepções absurdas de realidade quanto afirmações infundadas passem a desfrutar do status de informações válidas socialmente e aptas ao debate público.

Diferentemente de uma possível lógica de manada que poderia guiar atuação destes grupos, observa-se um padrão que pode ser mais propriamente denominado como

⁹ Por ora nos ateremos às redes sociais. Porém, é necessária a realização de estudos que se estendam para além delas, como por exemplo as formas pelas quais o neopentecostalismo tem contribuído para gerar estas formas de concepção da realidade social e as práticas delas advindas.

uma lógica de enxame. Neste contexto, o que se tem é que as informações difundidas se gestam e são consumidas inicialmente no aplicativo WhatsApp, por meio de grupos criados para sustentar a candidatura de Bolsonaro. Posteriormente, são lançadas em redes de maior alcance público, sendo que cada usuário utiliza os seus respectivos perfis tanto para publicar estas informações quanto para sustenta-las no debate público, ainda que elas se baseiem em informações falsificadas da realidade¹⁰. Ao mesmo tempo, utiliza-se, também, contas denominadas como *bots*, ou seja, contas que não se referem a uma subjetividade real, mas sim a uma subjetividade sem sujeito fabricada exatamente com o objetivo de fazer com que estas informações venham a ser difundidas no âmbito da rede. Por ora não serão feitas considerações mais aprofundadas a respeito deste perfil de uso das redes sociais. Mas o assunto pode ser abordado em estudos posteriores a respeito da temática.

Este trabalho foca-se, sobretudo, em levantar uma compreensão a respeito do processo de desenvolvimento social e tecnológico que leva à atual configuração das redes sociais, além de focar em parte destas redes em vistas das observações possíveis até este momento em torno da constituição das forças sociais que se constituem em torno delas. É necessário, ainda, estender esta discussão para outros espaços da rede, de modo a tornar possível uma compreensão mais efetiva dos meios pelos quais estes instrumentos se constituem em um importante veículo ideológico na contemporaneidade.

Lutar por uma perspectiva de democracia diante dos avanços de projetos que têm como requisito o seu tolhimento passa em parte por estas redes. Assim, a criação de mecanismos que permitam o devido combate ao sistemático falseamento de informações por parte destes grupos, bem como a criação de condições para a construção de debates que possam levar a uma compreensão mais aprofundada e consistente de realidade é de fundamental importância para que estas forças venham a ser barradas em suas tendências autoritárias e assim o próprio conjunto da sociedade venha a passar por um processo de amadurecimento em torno de suas concepções a respeito de si mesma.

Referências

BENITES, Afonso. A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. In: **El País**. Brasília, 28.set.2018 – 06:41. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em 08.out.2018.

¹⁰ Uma destas informações refere-se ao que tem sido denominado como *kit gay*, que é sistematicamente difundida por membros destes grupos nas redes sociais

BOITO JR., Armando. **As bases políticas do neodesenvolvimentismo**. Trabalho apresentado na edição de 2012 do Fórum Econômico da FGV / São Paulo. Disponível em <<http://eesp.fgv.br/sites/eesp.fgv.br/files/file/Painel%203%20-%20Novo%20Desenv%20BR%20-%20Boito%20-%20Bases%20Pol%20Neodesenv%20-%20PAPER.pdf>>. Acesso em 29.jan.2014.

_____. A burguesia no Governo Lula. *En publicación: Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales*. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto 2006. ISBN: 987-1183-56-9. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/grupos/basua/C07Boito.pdf>>. Acesso em 29.jan.2014.

_____. Estado e burguesia no capitalismo neoliberal. In: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, 28.jun.2007. p. 57-73. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n28/a05n28.pdf>>. Acesso em 29.jan.2014.

_____. Governo Lula: A nova burguesia nacional no poder. In: BOITO JR.; GALVÃO. A. (orgs.). **Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000**. São Paulo: Editora Alameda, 2012. Disponível em <<http://lemarxusp.files.wordpress.com/2013/03/armando-boito-jr-governos-lula-a-nova-burguesia-nacional-no-poder.pdf>>. Acesso em 29.jan.2014.

_____. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil. In: **Revista Crítica Marxista**. n. 3. São Paulo, Brasiliense. 1996. Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/CM3armando.pdf>. Acesso em 02.fev.2014.

_____. A hegemonia neoliberal no Governo Lula. In: **Revista Crítica Marxista**. n. 17. Rio de Janeiro, Editora Revan, 2003. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ifch-unicamp/20121129113308/Governo_Lula.pdf>. Acesso em 29.jan.2014.

_____. As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil. In: **Biblioteca Virtual da CLACSO**. Data da última modificação: 15.ago.2006. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/caeta/PIICdos.pdf>>. Acesso em 29.jan.2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade** / Manuel Castells; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet** / Manuel Castells; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GNIPPER, Patrícia. A Evolução das Redes Sociais e o seu Impacto na Sociedade – Parte 1 In: **Canaltech**. 06 de fevereiro de 2018. Disponível em <<https://canaltech.com.br/redes->

[redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-1-107830/](https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-1-107830/)>. Acesso em 05.out.2018.

_____. A Evolução das Redes Sociais e o seu Impacto na Sociedade – Parte 2. In: **Canaltech**. 13 de fevereiro de 2018. Disponível em <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-2-108116/>>. Acesso em 05.out.2018.

_____. A Evolução das Redes Sociais e o seu Impacto na Sociedade – Parte 3. In: **Canaltech**. 06 de março de 2018. Disponível em <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-evolucao-das-redes-sociais-e-seu-impacto-na-sociedade-parte-3-109324/>>. Acesso em 05.out.2018.

GOMES, Alisson Diôni. **Conquista da Terra: Canaã, a Liga dos Camponeses Pobres em Rondônia e a Perspectiva da Transformação Social no Campo** / Alisson Diôni Gomes, 2014. 150f.: il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Fundação Universidade Federal de Rondônia. Núcleo de Ciências Exatas e da Terra, Porto Velho, 2014. Disponível em http://www.pgdra.unir.br/uploads/85796698/menus/dissertacoes/Alisson_Dioni_Gomes_Dissertacao_2011_2014.pdf Acesso em 08.out.2018.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa.** / Jürgen Habermas; tradução Denilson Luís Werle. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SETO, Guilherme. Comunicação de Bolsonaro usa tática militar de ponta. In: FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 14 de outubro de 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/comunicacao-de-bolsonaro-usa-tatica-militar-de-ponta-diz-especialista.shtml>>. Acesso em 04.nov.2018.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade : uma teoria social da mídia** / John B. Thompson ; tradução de Wagner de Oliveira Brandão ; revisão da tradução Leonardo Avritzer. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.